

Antropologia e turismo: novos campos de estudo, aportes teóricos e experiências metodológicas¹

Helena Catão H. Ferreira

UFF/RJ

Palavras-chave: Antropologia do turismo, Ensino, Pesquisa

Resumo

O turismo tem se constituído como importante fenômeno contemporâneo articulado pela mobilidade dos tempos atuais e interferências nas sociedades locais, implicando grandes transformações de perspectivas e olhares, tanto para os viajantes, como para os que os recebem. Seus estudos tem se diversificado em uma perspectiva multi e interdisciplinar. A Antropologia, porém, tem, há décadas, abordado este fenômeno, trazendo valiosas contribuições, tanto no âmbito de sua compreensão, como, também, a partir de suas ferramentas metodológicas, abrindo novas possibilidades de investigação. Este trabalho discute o ensino e a pesquisa de Antropologia nos cursos de graduação em Turismo, a partir da vivência e da observação direta durante onze anos de docência na área, em que se almeja provocar nos estudantes uma percepção crítica de sua complexidade. Diante da predominância de visões tecnocráticas e mercadológicas desse campo disciplinar, as desconstruções e desnaturalizações proporcionadas pela Antropologia representam, por um lado, um constante desafio a ser enfrentado pelo professor, e por, outro, abre possibilidades de construção de novas práticas.

Introdução

Embora relativamente recentes (datam da década de 1960/70) e, ainda, duplamente transpassados por reservas e preconceitos, tanto no âmbito da antropologia, quanto no do turismo, os estudos antropológicos sobre o turismo já possuem uma produção representativa e pode-se dizer que aportam contribuições para ambos os campos.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

Até a década de 1960 a Antropologia não se interessou por investigar uma prática social associada ao lazer e ao tempo livre, como despendeu para o tempo do trabalho e as inúmeras questões que o envolvem, e que no âmbito das Ciências Sociais, foi sempre um campo de estudo de maior prestígio. Além disso, o turismo se inicia como uma prática de elite, ainda no século XIX, e aos poucos vai se tornando o que é hoje, um importante fenômeno articulado pela mobilidade contemporânea e pelas interferências nas sociedades locais, implicando grandes transformações de perspectivas e olhares, tanto para os viajantes, como para os grupos locais receptores de turistas. De acordo com Banducci Jr (2006) no campo sócio-antropológico, o turismo veio obtendo pouca legitimidade acadêmica, em grande parte porque a viagem turística era considerada pelos cientistas sociais como experiência alienante e mercantil.

Embora não seja o foco deste texto percorrer os caminhos do surgimento dos primeiros trabalhos a respeito do turismo nas visões socioantropológicas, para fins de contextualização, sabe-se que os estudos do Turismo foram e ainda são hegemonicamente impactados por sua feição como atividade econômica. Por um longo tempo, a atividade foi exaltada por seu potencial como geradora de empregos e receitas. Deste modo, a Antropologia, com seu caráter crítico e questionador, também não era percebida como importante e necessária.

Na atualidade, porém, esse quadro se modificou e os estudos antropológicos do turismo vêm se consolidando, tanto nos Estados Unidos como na Europa e na América Latina (HERNÁNDEZ-RAMÍREZ, PÉREZ, & PINTO, 2015). Em que pese o debate ainda presente sobre se é possível falar de uma Antropologia do Turismo como um subcampo da disciplina, ou se o que existe na verdade são estudos diversificados sobre o turismo, polêmica que alguns autores ainda sustentam (COUSIN & APCHAIN, 2019) devido aos preconceitos existentes, o grande crescimento do turismo no mundo e seu efeito nos territórios tem demonstrado a importância desses estudos e pesquisas. Sua amplitude, englobando aspectos econômicos, sociais, ecológicos, políticos, urbanísticos, simbólicos, entre outros, em âmbito global, torna possível a compreensão de inúmeros processos sociais, inclusive não ligados diretamente a ele. Por esse motivo, estudá-lo significa contribuir para a compreensão de processos globais, que comumente interessam à Antropologia e colaboram para o avanço da disciplina (HERNÁNDEZ-RAMÍREZ ET AL., 2015).

Realizados a partir de 1970, os primeiros trabalhos antropológicos sobre o turismo adotaram uma perspectiva pessimista da atividade, dando ênfase as suas

consequências negativas para as comunidades receptoras (PÉREZ & PINTO, 2010). Posteriormente, porém, outros estudos levaram a uma visão mais relativizada – mostrando sua complexidade e sua capacidade de resultar em processos, tanto positivos como negativos, para as comunidades locais.

Cousin e Apchain (2019) afirmam que para além das inúmeras abordagens, “a questão da alteridade pode constituir o paradigma estruturante” de uma perspectiva antropológica do turismo, “ uma vez que se situa tanto no centro do método antropológico quanto na relação turística (COUSIN & APCHAIN. 2019, p. 14) ”.

As diferenças socioculturais marcam os estudos do turismo, na medida em que nele está sempre presente o contato e o confronto entre grupos sociais, culturas, modos de vida, visões de mundo e práticas sociais. E também porque ele ocorre, frequentemente, em meio a uma grande assimetria de poderes. O tempo de lazer e de viagem de uns, corresponde ao tempo de trabalho de outros, que geralmente são privados dessas práticas. Barreto (2003) lembra que funções como garçom, cozinheiro, camareira, faxineira, jardineiro ou motorista, que representam grande parte dos empregos gerados pelo turismo, foram, até não muito tempo atrás, realizadas por escravos, o que influi ainda nas relações de trabalho atuais e acarreta ainda hoje inúmeros conflitos.

Há também questões raciais e de gênero envolvidas na prestação de serviços turísticos e, desse modo, a perspectiva das Ciências Sociais é importante para que se possam entender as relações sociais implicadas no trabalho (BARRETO, 2003).

O contato entre grupos diversos que o turismo promove, o aumento de fluxos populacionais, com a consequente redefinição de dinâmicas sociais, a concentração populacional, as migrações em busca de oportunidades de trabalho, emprego e investimento, a urbanização e a especulação imobiliária, entre muitos outros fatores, implicam problemas sociais, relações etnocêntricas, preconceitos, xenofobia, etc.

Nesse sentido, parece imprescindível que nos estudos turísticos estejam presentes a Antropologia e a Sociologia. Entretanto, nos cursos de graduação em Turismo essas são disciplinas que ainda buscam afirmação e protagonismo.

Este trabalho tem por objetivo discutir o ensino e a pesquisa de Antropologia nos cursos superiores de Turismo, a partir da vivência e da observação direta durante onze anos de docência na área, em que se almeja provocar nos estudantes uma percepção crítica de sua complexidade. Diante da predominância de visões tecnocráticas e mercadológicas desse campo disciplinar, as desconstruções e desnaturalizações

proporcionadas pela antropologia representam, por um lado, um constante desafio a ser enfrentado pelo professor, e por, outro, abre possibilidades de construção de novas práticas.

A graduação em turismo e o ensino de Antropologia no Brasil

No contexto brasileiro, os estudos sobre o turismo estão historicamente vinculados às demandas de organização da atividade turística no país. Os primeiros cursos de graduação em Turismo foram criados na década de 1970, após o surgimento da Empresa Brasileira de Turismo - EMBRATUR, em 1966. As primeiras abordagens sistemáticas do turismo foram resultado de necessidades advindas da prática na operação e na organização do setor, muito mais orientados por interesses do mercado que por reflexão teórica (SANTOS, 2005).

As pesquisas antropológicas do turismo, no Brasil, começam a ganhar corpo apenas em 1990. Para Santos (2005), o distanciamento do cientista social em relação às práticas e às categoriais objetivadas e naturalizadas pela experiência imediata é condição para a compreensão dos fenômenos estudados, sobretudo em um fenômeno polissêmico como o turismo. Neste campo estão presentes diversos tipos de questões sociais, ecológicas, administrativas e de mercado. Sendo assim, não é possível transpor “de modo automático à reflexão das Ciências Sociais, sob o risco de elas tornarem-se instrumentalizadas, submetidas a imperativos que não são os seus” (SANTOS, 2005, p.44). Para o autor, a desvinculação das Ciências Sociais da prática imediata é uma exigência epistemológica fundamental, relacionada à própria natureza do conhecimento socioantropológico (SANTOS 2005). Deste modo, para que as pesquisas realizadas no âmbito da Antropologia do Turismo possam auxiliar práticas e políticas capazes de promover formas mais justas de desenvolvimento da atividade, elas precisam, antes, cumprir seu objetivo de compreensão da realidade social.

Os cursos de graduação em Turismo no Brasil (mas não só aqui) são, ainda hoje, voltados principalmente para estudos pragmáticos da operacionalização e organização da atividade, com disciplinas como: Agenciamento, Hotelaria, Transportes, Alimentos e Bebidas, Marketing Turístico, entre outras. Mas há também disciplinas que apresentam um caráter mais teórico e reflexivo como Teoria Geral do Turismo, História do Turismo, Geografia do Turismo, Estudos do Lazer, Estudo do Espaço Turístico, Patrimônio Turístico, Estudos Antropológicos do Turismo, Turismo e Sociedade e Planejamento Turístico, que faz uma interseção entre esses dois grupos.

Com nomes diversos e abordagens mais gerais ou mais específicas, dependendo da composição de docentes e gestores de cada departamento e dos objetivos gerais de cada curso, esse costuma ser um arranjo que se repete na maioria dos cursos de graduação em Turismo brasileiros. Porém em alguns, não há a disciplina de Antropologia, há somente a de Sociologia, e em outros, a disciplina é oferecida congregando alunos de diversos cursos e não abordam conteúdos específicos do Turismo.

Os primeiros cursos de Turismo no Brasil foram criados em instituições privadas ainda na década de 1970, após a reforma universitária de 1968. A partir de relatos de ex-aluna da primeira turma de um dos primeiros cursos de Turismo no Rio de Janeiro, a Antropologia e a Sociologia foram disciplinas dos primeiros períodos, consideradas como básicas e importantes para o curso com antropólogos e sociólogos muito conhecidos e experientes. Mas por iniciativa de uma movimentação interna de alunos conservadores, esses professores considerados de esquerda, foram demitidos e teve início um tempo em que as disciplinas operacionais tornaram-se hegemônicas. O primeiro curso de Turismo em uma universidade pública no Brasil foi em 1973, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. No Rio de Janeiro foi o da Universidade Federal Fluminense, que teve início em 2003, na Faculdade de Ciências Contábeis e Turismo. Em 2015 tornou-se independente ao ser criada a Faculdade de Turismo e Hotelaria, da qual passou a fazer parte.

Embora a maioria dos cursos esteja em universidades privadas, há ainda, outros cursos em universidades públicas, que surgiram a partir de Departamentos e unidades variadas. Alguns se iniciaram em Faculdades de Administração, outros vinculados à Geografia, ou à Escola de Museologia, entre outras, o que influenciou a composição inicial dos currículos, mas a partir de uma gama de concursos públicos para as universidades brasileiras que tiveram lugar a partir do início dos anos 2000 e da chegada de docentes de variadas formações, essas características dos cursos foram mudando.

Atualmente, a crítica sobre o caráter operacional e economicista que veio orientando a maior parte dos estudos sobre o turismo está presente dentro dos próprios cursos, principalmente a partir das disciplinas citadas como de caráter mais crítico e reflexivo, porém essa tendência convive ainda com uma hegemonia das disciplinas mais mercadológicas.

Uma experiência em docência de Antropologia na graduação em Turismo

Iniciei minha experiência como docente da disciplina “Estudos Antropológicos do Turismo”, em 2009. Sou Cientista Social formada pela UFRJ na graduação e na pós-graduação pela UFRRJ. Na graduação meus estudos foram orientados para a Sociologia e no Mestrado e Doutorado para a Antropologia. Trabalhei por anos em um órgão público de Turismo, participando de planos diretores e planos de manejo de unidades de conservação, tendo começado assim uma articulação de pesquisas voltadas para a Antropologia do Turismo. Ao prestar concurso para docente tinha clareza de que queria lecionar Antropologia para o curso de Turismo e continuar com as pesquisas etnográficas sobre turismo e meio ambiente começadas na pós-graduação.

A disciplina em que iniciei como docente fazia parte, na época, da grade do primeiro período, tendo passado a partir de 2015, após uma reforma curricular empreendida pelo Núcleo Docente Estruturante - NDE, do qual faço parte, para o segundo período. Nessa época foi criada também a disciplina “Turismo e Sociedade”, para o sexto período. Já lecionava as disciplinas optativas, “Turismo e Antropologia”, “Turismo, Ambiente, Cultura e Sociedade” e “Turismo e Etnografia.

Percebi com a disciplina de “Estudos Antropológicos” que a grande maioria dos estudantes nunca havia tido contato com a Antropologia. Haviam apenas cursado Sociologia no Ensino Médio. Desse modo, seria importante focar na introdução à Antropologia, abordando os clássicos (autores e temas) da disciplina, como também em noções de Etnografia. Como parte prática do trabalho, os estudantes desenvolvem um exercício etnográfico, experimentando o trabalho de campo e apresentam os resultados em um seminário, além de redigirem em equipe um breve relatório de pesquisa.

A disciplina é ministrada em três blocos: “Introdução à Antropologia”, “A pesquisa antropológica” e “Antropologia e Turismo”. No último bloco são lidos e debatidos textos etnográficos sobre o turismo, para que, além de tomarem conhecimento de debates do campo da Antropologia do Turismo, os alunos entrem em contato com resultados de pesquisas e produção de textos antropológicos. As outras disciplinas que nomeiei acima seguem a lógica de aprofundamento dos debates clássicos e atuais da Antropologia e da Sociologia do Turismo e de experiências etnográficas sobre o turismo.

Uma das contribuições que a Antropologia pode dar aos estudos do Turismo é a utilização da Etnografia nas pesquisas que são empreendidas pelos docentes e estudantes. Entretanto, é preciso salientar que o trabalho etnográfico não deve ser confundido com a descrição exaustiva dos dados de campo. O que se observa e a forma

como se ordenam as observações já obedecem a determinados princípios de classificação a serem escolhidos pelo pesquisador. Se não se propõe nenhum modelo de orientação da pesquisa em campo, corre-se o risco de cair em uma perspectiva do senso comum, que é, precisamente, o que se pretende evitar (MAGNANI, 1996). Além disso, a etnografia supõe a utilização de quadros teóricos que ajudem na análise da realidade em estudo, tratando-se, portanto, da alternância constante entre os significados e sua colocação em contextos teóricos mais amplos (MAGNANI, 1996).

Para Maio (2006), esse tipo de abordagem é indispensável em estudos socioculturais e processos de mudança relacionados ao turismo, por ser a melhor forma para trabalhar com a apreensão de aspectos subjetivos e simbólicos, difíceis de serem transformados em valores quantitativos. Por isso, o método etnográfico, com a devida imersão no pesquisador no mundo ‘do outro’, na tentativa de compreendê-lo a partir da superação de estereótipos e etnocentrismos, têm se mostrado um caminho interessante para os estudos turísticos (MAIO, 2006). No curso de turismo, porém, há uma supervalorização de metodologias quantitativas em diversas disciplinas e alguns estudantes entendem que estas seriam mais fidedignas, objetivas e bem aceitas. Quanto à questão da aceitação, neste meio acadêmico, eles têm razão. Apesar das relações serem respeitadas em relação à autonomia dos docentes e pesquisadores.

Embora a prática de pesquisas se estabeleça e desenvolva com maior vigor na pós-graduação, é importante que os primeiros passos sejam dados ainda na graduação, por meio da Iniciação Científica e dos Projetos de Extensão. Nesse sentido, tenho procurado apresentar projetos nesses âmbitos, tendo, também criado, desde 2011, um grupo de pesquisa que reúne estudantes de graduação e pós-graduação - o Laboratório de Turismo e Antropologia-LaTA. O grupo tem como principais atuações os estudos teóricos sobre Antropologia do Turismo e um laboratório de pesquisas, além de três pesquisas de campo, em curso no momento. No laboratório ocorrem debates sobre os dilemas e estratégias de todas as pesquisas a que estamos ligados, tanto as coordenadas pelos docentes, como as empreendidas pelos estudantes em sua produção acadêmica.

Em tempos da Pandemia COVID-19 as pesquisas de campo e de extensão, sofreram um duro baque. Além das questões comuns à maioria dos cursos universitários, que precisaram suspender suas atividades presenciais e retornaram, em momentos diferentes, às suas atividades por meio remoto, o turismo foi impactado por mudanças profundas em suas dinâmicas em todo o mundo. As pesquisas tiveram uma parada e também procuram agora prosseguir de modo remoto. Esse fato fez com que o

grupo de pesquisa voltasse seus estudos para a Etnografia Online, a fim de obter subsídios que permitam a continuidade dos trabalhos de campo.

As pesquisas antropológicas em turismo, apesar das dificuldades, têm, no momento, grandes oportunidades de crescimento, em razão das profundas mudanças sofridas pelo setor de um modo geral.

Abordagens e perspectivas

São bastante diversos os temas tratados pelos estudos antropológicos do turismo. Um dos temas mais abordados, desde o início desses estudos, é o impacto da atividade nas comunidades receptoras, principalmente quando estas são tidas como “tradicionais”. Como já relatado, nos primeiros estudos a visão dos pesquisadores era de grande crítica e pessimismo a respeito desses impactos. A mudança de perspectiva sobre o turismo está relacionada com um debate sobre a noção de comunidade na própria Antropologia, em que se buscou superar a concepção de totalidade substancializada, e homogênea, sustentada sobre um sistema social de relações que a mantinham em equilíbrio e em que qualquer elemento externo (como o turismo) era visto como ameaça à estabilidade e à manutenção dos padrões culturais das comunidades (STEIL, 2002).

Esse era um dos motivos pelos quais o turismo era, frequentemente, visto como um fator de desintegração dos padrões culturais e das bases sociais locais, comprometendo o equilíbrio do sistema social das comunidades receptoras. A partir do alargamento da concepção comunidade, considerando a diversidade de grupos sociais que a compõe e seus fatores internos de mudança, essa visão foi sendo modificada (STEIL, 2002). O fenômeno passou a ser visto em sua complexidade. Tornou-se mais claro o fato de que os moradores locais não se relacionam de maneira equânime com a atividade turística e, além disso, os diferentes tipos de turismo não geram os mesmos impactos sobre as localidades receptoras (STEIL, 2002). As próprias tradições e as identidades coletivas são, em parte, ressignificadas, “reconstituídas” e “autenticadas” em função do olhar e dos interesses que se colocam a partir do turismo, entre outras demandas contemporâneas.

Por mais que já tenha sido explorado, esse tema continua a render muitas pesquisas e debates, tendo tido ainda maior relevância, quando, desde o final do século XX, até o início da pandemia, houve um grande impulso do chamado “turismo de massas”, estimulado pelo barateamento das viagens aéreas com as companhias que operam em sistema *low cost* e o surgimento de hospedagens compradas por meio de

aplicativos de celular. Em razão principalmente destes fatores, algumas cidades, principalmente europeias, como Paris, Barcelona, Roma, entre outras, vinham apresentando um fluxo extremamente elevado, eclodindo em movimentos sociais contra o turismo. No Brasil a situação é muito diferente desses casos apresentados, mas diversas interferências espaciais e socioculturais nas áreas mais turistificadas. Com a pandemia, houve uma parada geral nas viagens, seguida por uma retomada limitada, o que tem causado mudanças profundas no panorama mundial do turismo.

Outros temas que podem ser citados como importantes e recorrentes para os estudos do turismo são: a autenticidade, a etnicidade, a patrimonialização cultural e o desenvolvimento local. Na medida em que a cultura se transforma em produto turístico e passa a ser manipulada a partir de interesses de mercado, a autenticidade das manifestações culturais começa a ser questionada. Grande parte dos turistas, apesar de serem responsáveis consciente ou inconscientemente por processos de mudança cultural mais acelerados, carregam um imaginário de preservação cultural romantizada, que almejam encontrar em atrativos e destinos. Para Santana (2009) a autenticidade representa para o turista uma forma de evasão de seus padrões habituais de sociabilidade, por isso se torna tão importante, como outros bens e serviços que fazem parte da viagem. Esses aspectos acabam por estimular processos de patrimonialização cultural nas localidades, e esses se tornam temas abordados com frequência pelos pesquisadores, em alguns momentos com um olhar crítico e outros apenas reproduzindo o discurso patrimonial de perda e conservação cultural.

Por muito tempo tem figurado nas pautas temáticas as questões relacionadas aos processos de desenvolvimento, e suas adjetivações como sustentável, durável, local. Esses e muitos outros temas menos abordados, e por isso mesmo, com grande potencial para a pesquisa se apresentam como importantes nesse campo de estudos.

Até aqui, é possível afirmar que o encontro entre Turismo e Antropologia se dá em uma perspectiva teórico-conceitual, num esforço de apreender as regularidades e diferenciações do turismo, analisando suas implicações socioeconômicas e o componente simbólico que o envolve e dá suporte (PÉREZ & PINTO, 2010). Estes autores chamam a atenção para outros três domínios nos quais o turismo se relaciona com os estudos antropológicos: no plano metodológico (como já foi exposto), por meio da utilização extensiva de ferramentas etnográficas; no uso da etnografia como evidência científica, utilizando o trabalho etnográfico não apenas como instrumento analítico, mas como recurso para avaliar, medir e acompanhar a atividade turística em

inúmeros contextos; e como uma “deontologia antropológica”, no sentido de auxiliar as práticas e políticas que visem um turismo mais justo e “sustentável” ou minimizador de impactos negativos nas comunidades receptoras, como um conhecimento instrumental no âmbito da antropologia aplicada.

A questão da aplicação dos estudos antropológicos do turismo, entretanto, está vinculada também à questão de uma “dupla demanda”, que transpassa as pesquisas sobre o turismo (SANTOS 2005), apresentando perspectivas distintas e, por vezes, conflitantes. Por um lado, há a necessidade de explicar, compreender e interpretar o fenômeno e suas implicações na realidade social. Por outro, há a demanda por planejamento, organização e divulgação da atividade turística, inserida em uma lógica mercadológica, composta por uma agenda de ações públicas e privadas (SANTOS, 2005). Santos (2005) chama a atenção para que os “problemas sociais”, isto é, questões suscitadas pela realidade imediata (como a necessidade de políticas públicas na gestão de um destino) se diferem dos “problemas sociológicos” – entendidos com o processo de problematização científica, buscando romper com noções do senso comum, e para o qual se exige a mobilização de métodos específicos de apreensão e de análise da realidade. Por isso, a aplicabilidade do conhecimento produzido pelas Ciências Sociais não deve ser confundida com a aplicação de suas técnicas para a produção de conhecimentos demandados pela lógica empresarial (SANTOS, 2005).

Essa distinção entre “problemas sociais” e “problemas sociológicos” leva à reflexão sobre o sentido e o objetivo da ação social do próprio cientista, em seu papel de busca do entendimento e interpretação dos processos sociais. Essa perspectiva difere da elaboração de proposições normativas de ações, tendo como base a solução de “problemas sociais”, o que faria parte de um projeto mais propositivo e executivo (SANTOS, 2005). Essa questão é bastante recorrente em meio aos estudos turísticos. Muitos estudantes (e docentes) entendem a elaboração de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses como um espaço que obrigatoriamente demandaria uma lista final de proposições e se surpreendem com a ideia de que mais importante, a partir de um olhar antropológico é a análise, compreensão e a interpretação da realidade social.

Santos (2005) argumenta que distinguir o campo de ações práticas do campo da compreensão científica é importante para que ciência mantenha a sua autonomia, preservando seus objetivos explicativos e compreensivos dos imperativos da aplicabilidade. Isso não significa que as conquistas da ciência não devam ser aplicadas, mas, significa dizer, que não se devem confundir as aplicações da ciência com a ciência

em si (MAUSS, 1981, apud SANTOS, 2005). A relação entre teoria e prática nas Ciências Sociais, ou entre fenômeno e atividade como se coloca no campo do Turismo, envolve, portanto, mais elementos do que apenas uma lacuna de comunicação.

A maior dificuldade diz respeito à confusão entre a perspectiva compreensiva e a perspectiva normativa sobre a realidade (SANTOS, 2005). Vários estudos abordam o mundo social não para compreender o que ele é, mas para dizer o que ele deveria ser. No turismo, especificamente, pode-se citar como exemplo, as frequentes propostas que estabelecem moldes ideais de desenvolvimento turístico, sem levar em conta as realidades locais (SANTOS, 2005). Para chegar à perspectiva do mundo social como ele é, é necessário um esforço constante de ultrapassagem das proposições do senso comum. E isso significa superar as exteriorizações dos agentes envolvidos nas diversas práticas sociais que se tornam naturalizadas, desde a elaboração de políticas de planejamento até a prática intelectual, que também deve ser submetida à crítica sociológica (SANTOS, 2005). O que o autor procura demonstrar é que, dentro dos estudos turísticos, ainda há pouca reflexão acerca da questão da ‘dupla demanda’ como um empecilho epistemológico, que obriga o pesquisador, em alguns casos, a adotar noções e princípios que deveriam estar no crivo de sua própria reflexão.

Considerações finais

O turismo se configura como um importante fenômeno contemporâneo com inúmeras implicações na sociedade global, tanto em nível econômico como social e cultural. É sempre pautado pela busca e pelo encontro com o “outro”, seja este próximo ou distante.

A Antropologia do Turismo como campo disciplinar de estudos e pesquisas tem mobilizado debates e dado importantes contribuições a partir de temas centrais de interesse antropológico, como os processos de globalização e localização, questões identitárias contemporâneas, as mobilidades, questões de gênero, etnocentrismo e racismo, inclusão e exclusão social, entre tantos outros.

Apesar disso, permanece um campo que luta por reconhecimento, tanto pelo lado da Antropologia como do Turismo, muito embora em termos de produção acadêmica esteja em franco crescimento.

Ainda representa um desafio para o professor demonstrar a importância desses estudos para o conjunto dos estudantes. Embora nos primeiros períodos do curso

observemos grande aderência às questões socioculturais e identitárias, e a percepção de desigualdades e preconceitos, da metade para o final do curso a preocupação com estágios e absorção pelo mercado de trabalho os impulsiona às áreas mais pragmáticas.

Principalmente num momento em que no Brasil se verifica um recrudescimento do conservadorismo e que a área das Ciências Sociais aparece como desvalorizada e ameaçada e é colocada como não prioritária para aportes financeiros de pesquisa, podemos observar um decréscimo do interesse dos alunos pelas Ciências Sociais.

A universidade, por meio da docência, da pesquisa e da extensão é o ambiente propício ao desenvolvimento desses estudos. O diálogo e o debate entre os dois campos abre possibilidades de enriquecimento teórico, diversificação metodológica das pesquisas e alargamento do repertório temático dos estudantes. Propicia também uma vinculação com os universos empíricos através da etnografia, preparando o profissional da área para a aceitação das diferenças sociais e culturais, e as habilidades da escuta e da observação, que fazem grande diferença na elaboração de políticas públicas e empreendimentos privados.

A correlação teórico-epistemológica entre Turismo e Antropologia tem propiciado avanços em ambos os campos de estudo. O Turismo tem se beneficiado das metodologias, técnicas e arcabouço teórico da Antropologia e da Sociologia, desnaturalizando conceitos e noções, tornando mais complexo o seu objeto de estudo e mais aprofundadas suas pesquisas, o que impacta diretamente na qualidade de sua produção acadêmica. Para a Antropologia, tal movimento favorece novas reflexões, buscando explicar, compreender e interpretar processos sociais mais amplos, imbricados nessa atividade tão recorrente na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

BANDUCCI JÚNIOR, A. Turismo e Antropologia no Brasil: estudo preliminar. In: BANDUCCI JR., A.; BARRETTO, M. (orgs.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. 5ªed. Campinas, SP: Papyrus, 2006, pp. 21-47.

BARRETO, M. O imprescindível aporte das Ciências Sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29, outubro de 2003.

- COUSIN, S.; APCHAIN, T. Turismo e Antropologia: um tango da alteridade, In: RAMIRO, P. (org.) **Antropologia e Turismo**: coletânea franco-brasileira. Editora UFPB, João Pessoa, 2019.
- HERNÁNDEZ-RAMÍREZ, J., PÉREZ, X. P., & PINTO, R.. Panorama de la Antropología del Turismo desde el Sur. **Pasos**: Revista de Turismo Y Patrimonio Cultural, 13(2), 277–281, 2015.
- MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na Metropole. **Na Metropole** - Textos de Antropologia Urbana, 12–54, 1996.
- MAIO, I. dos P. Antropologia e Turismo – reflexões teóricas sobre o estudo de processos socioculturais nas localidades receptoras. **IV SeminTUR** - Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, 1–12, 2006.
- MATTOS, C. L. G. de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In C. L. G. de MATTOS & P. CASTRO (Eds.), **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online] (pp. 49–83). Campina Grande: Eduepb. Em: <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>, 2011.
- PÉREZ, X. P., & PINTO, R. Turismo e Antropologia: contribuições para um debate plural. **Turismo e Desenvolvimento**, 13, 219–226, 2010.
- SANTOS, R. S. Antropologia, sociologia e estudos do Turismo: contribuições para um diálogo interdisciplinar. **Revista Hospitalidade**, II (2), 23–46, 2005.
- STEIL, C. A. O turismo como objeto de estudo no campo das Ciências Sociais. In A. L. B. RIEDL, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA (Ed.), **Turismo Rural**: tendências e sustentabilidade (Vol. 1, pp. 51–80). Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.